

**ENTRE O FACTUAL E O FICCIONAL: UM ESTUDO DOS ELEMENTOS AUTOFICCIONAIS NA OBRA  
FLORES ARTIFICIAIS, DE LUIZ RUFFATO**

Natacha Gomes de Paula<sup>1</sup>, Paulo Bungart Neto<sup>2</sup>

PPG-Letras/UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD);

PPG-Letras/CAPES – Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD);

Contato: [natacha\\_gomes10@hotmail.com](mailto:natacha_gomes10@hotmail.com)

Contato: [pauloneto@ufgd.edu.br](mailto:pauloneto@ufgd.edu.br)

Neste trabalho, a obra Flores artificiais (2014) de Luiz Ruffato será abordada sob a luz da teoria autoficcional. Verifica-se que múltiplas são as maneiras de construir narrativas sob essa perspectiva teórica. Assim, objetiva-se analisar como se dá a sua construção, a partir dos indícios mesclados ao enredo que criam um jogo de ambiguidade entre o real e ficcional. Na análise do corpus pode-se perceber que Ruffato buscou inovar na estratégia autoficcional; no capítulo de apresentação, o narrador-autor (Luiz Ruffato autoficcionalizado) explica como se originou, como foi o processo de edição da obra e a escolha dos capítulos; posteriormente, abre espaço para Dório Finetto, caracterizado como seu conterrâneo e “autor” do segundo e principal capítulo, intitulado “Viagens à terra alheia”. Nele, Finetto conta em parte a sua história, nas viagens que realizou como consultor do Banco Mundial, mas transfere o ponto de vista a outros sujeitos que passaram por seu caminho, os quais ficam em primeiro plano na narrativa, ao enunciarem suas dores e mazelas por terem passado pelo processo de desenraizar-se, de maneira forçada ou não. Desde o início o autor busca convencer o leitor de que seu papel é apenas de intermediário e editor de textos “alheios” à sua vivência, mas ao fazer analogias entre a sua biografia e as informações da narrativa pode-se identificar que ele parte da experiência particular, de descendente de imigrantes italianos.

Transforma em um nível macro na narrativa, uma reflexão sobre as causas e implicações desse trânsito cultural e espacial (desenraizamento) na identidade e na condição do sujeito. Sendo assim, a narrativa transcende o modelo autoficcional voltado apenas para a subjetividade do “eu”, pois ao fazer jus ao seu projeto estético de inovação, Ruffato não apenas evidencia sua personalidade a partir da “intrusão” do autor, mas transfere o protagonismo para a história de toda uma coletividade impactada pelo processo da globalização, ao construir um enredo atravessado por discursos além do autobiográfico, como o histórico, o político e o social. Para embasar a análise do romance foram implementadas pesquisas em materiais bibliográficos, leituras e fichamentos das teorias sobre questões da literatura contemporânea, a partir dos estudos de Schøllhammer (2009) e Perrone-Moisés (2016); sobre a autoficção e pós-ficção, utilizamos das teorias francesas e brasileiras desenvolvidas por Doubrovsky (2014), Colonna (2014), Fuks (2017), dentre outros, a fim de refletir sobre as possibilidades de construção de obras autoficcionais movidas pelas urgências do social. Por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro concedido para realização desse estudo.